

# Os mapas na Idade Média: representações das concepções religiosas e das influências da Antiguidade Clássica

## The maps in the Middle Ages: representations of religious ideas and influences from Classical Antiquity

**Lucas Montalvão Rabelo\***

Mestrando em História  
Universidade Federal do Amazonas  
[Lukas.lmr@hotmail.com](mailto:Lukas.lmr@hotmail.com)

Recebido: 28/10/2014

Aprovado: 20/04/2015

**RESUMO:** Este artigo busca interpretar as formas de representação cartográfica medievais esquemáticas e simbólicas sobre o viés das novas perspectivas de estudos. Com base nos conceitos da História Cultural e da nova História da Cartografia que os mapas medievais são compreendidos. Eles relacionam-se a percepção da própria sociedade e da ideia que faziam sobre a configuração do planeta Terra e do universo. Assim, pautado nestes conhecimentos, os mapas, muito mais do que indicarem um desconhecimento geográfico, refletiam as crenças, os mitos, as concepções baseadas no pensamento religioso do período. O mapa dos Salmos e o mapa de Hereford, pertencentes ao século XIII, são exemplos que apresentam elementos ligados à retórica medieval de construção de mapas.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Cultural, Religiosidade, Cartografia medieval.

**ABSTRACT:** This article seeks to interpret schematic and symbolic forms of medieval cartographic representation on the bias of the new perspectives of study. Based on the concepts of Cultural History and New History of Cartography that medieval maps are understood. They relate to society's perception of itself and the idea that they did on the configuration of the Earth and the universe. Thus, based on this knowledge, the maps indicate much more than a geographical ignorance, reflected the beliefs, myths, conceptions based on the religious thought of the period. The map of the Psalms and the map of Hereford, belonging to the thirteenth century, are examples that feature elements linked to medieval rhetorical construction of maps.

**KEYWORDS:** Cultural History, Religiousness, Medieval Cartography.

### Introdução

Este artigo visa apresentar um panorama sobre as novas perspectivas da História da Cartografia voltando-se para o período medieval. Inicialmente, serão expostos conceitos chave para a interpretação destes mapas: representação e imaginário. Na sequência apresentar-se-á um panorama da sociedade medieval e da presença da religiosidade cristã. Deste contexto parte-se

---

\* Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

para o estudo dos mapas medievais e suas particularidades. O que remete a própria concepção da Terra e do universo para os homens do período. Com base nisto, foram formulados os mapas T-O e zonais que serão apresentados como o mapa dos Salmos e o mapa de Hereford, além dos mapas zonais.<sup>1</sup>

### **Representação, imaginário e a nova História da Cartografia**

A nova interpretação dos mapas ocorreu paralela à renovação da disciplina histórica, assim uma nova História da Cartografia contribuiu para a percepção da complexidade do real.<sup>2</sup> Ela está ligada fundamentalmente ao conceito de *representação*. Referência para qualquer coisa que possa ser alvo de estudo dos historiadores, o conceito foi incorporado a partir das formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim no início do século XX. *Representação* seria uma leitura que os homens fazem do mundo expressas por normas, instituições, discursos, ritos formando uma realidade paralela à existência dos indivíduos. Porém, faz com que os homens vivam dentro dela e por ela. Segundo Sandra Pesavento: “São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.”<sup>3</sup> Essa noção permite eliminar do campo de análise a tradicional separação entre o real e o não real. Pois, tudo que é percebido pelo homem, e que ele dá sentido é construído socialmente e internamente em seu intelecto. Não existe realidade por si, ela está diretamente ligada à lógica interna que os homens atribuem a qualquer coisa.

O historiador Roger Chartier em *O mundo como representação* propõe pensá-la partindo de uma história das apropriações. Segundo ele: “A apropriação tal como entendemos visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem”.<sup>4</sup> A partir do conceito de representação é que esta pesquisa se desenvolve. Com isso, ela não se limita a pensar como o rio Amazonas aparece

---

<sup>1</sup>Aqui não serão contemplados os mapas medievais produzidos no final do período, a partir das experiências náuticas, conhecidos como cartas portulano.

<sup>2</sup>Essa nova forma negava os processos antigos de construção do conhecimento. Eles estavam ligados ao marxismo e a escola dos Annales. Em ambas o sujeito histórico estava à margem do conhecimento. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.14.

<sup>3</sup>\_\_\_\_\_. *História & História Cultural*. p.39.

<sup>4</sup>Um exemplo da apropriação feita pelo autor refere-se a prática da leitura. Ao ler um texto, o leitor criaria um mundo próprio não correspondente necessariamente a aquele proposto pelo autor. Existiria, assim, uma distância entre o autor e o leitor. Ela referir-se-ia a questão material, o autor escreve texto, o livro é feito pelo editor, impressor e outros. Cada leitor atribuiria um significado específico a cada uma das formas materiais inseridas na obra lida. Além disso, a construção textual e o próprio sentido das palavras, de acordo com as próprias experiências do leitor, traria uma interpretação diversa. Segundo Chartier, a leitura é “vagabunda”, ela se acomoda e dá sentidos não pensados pelo autor. Desta forma, a distância entre o autor e o leitor final é que construiria o sentido. Pois, nesse meio termo há uma série de mediações que aumentariam a distância entre o que gostaria de passar o autor e o que é lido pelo leitor. Ver: CHARTIER, Roger. *O Mundo como Representação*. São Paulo: Estudos Avançados, 1991, p.68.

nos mapas enquanto consequência exclusiva do conhecimento geográfico do rio, no espaço americano, mas, de forma mais ampla, seja nas figurações, numa orientação fora da “realidade” ou em uma distorção desproporcional. Tudo isso interpretado não como devaneios daqueles que produziram, mas como partes inseridas em um conjunto de pensamento geográfico que dava sentido aquela figuração, ou seja: a representação do mundo daquele período histórico.

Isso está diretamente relacionado com o pensamento do historiador da cartografia, Brian Harley. Para ele, os mapas seriam uma construção social do mundo expressa por meio da Cartografia. Longe de fugir de uma mera representação da natureza, verdadeira ou falsa, os mapas redescreveriam o mundo como qualquer outro documento. Tanto em termos de relações e práticas de poder, preferências e prioridades culturais. “Lo que leemos en un mapa está tan relacionado con un mundo social invisible y con la ideología como con los fenómenos vistos y medidos en el paisaje.”<sup>5</sup> Portanto, seriam uma representação do mundo real dentro de uma série de codificações que buscavam torná-los inteligíveis para uma sociedade específica.<sup>6</sup> Além disso, os cartógrafos, para realizarem sua representação de mundo, se basearam nas histórias contadas sobre as viagens à América. Suas obras refletem uma mediação interpretativa. Compreendida de outra forma, eles praticavam uma espécie de interpretação gráfica da interpretação oral ou escrita dos viajantes referentes aos novos espaços. Algo próximo de uma “hermenêutica espacial”<sup>7</sup>. Dentro desta interpretação, estaria um conjunto de imagens sobre algo, ou seja, um imaginário.

Segundo Gilbert Duran, o imaginário seria o “‘museu’ (...) de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas.”<sup>8</sup> O autor propõe que as imagens sempre fizeram parte da sociedade ocidental, porém, a relação com elas ocorreu, ao longo do tempo, de maneira

---

<sup>5</sup>HARLEY, J. B. *La Nueva Naturaleza de los mapas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005, p.61.

<sup>6</sup>Além disso, segundo Harley, os mapas também devem ser compreendidos nas suas formas de apropriação pelos indivíduos. Eles foram muito estudados ao longo da História da Cartografia, mas a questão da materialidade e da sua apropriação, nos moldes da proposta de Chartier, foi pouco pensada.

<sup>7</sup>Essa ideia de hermenêutica, amplamente utilizada pelos historiadores hoje, foi resgatada do filósofo alemão Hans-Georg Gadamer, considerado como um dos maiores expoentes da hermenêutica filosófica. Ele suscitou os estudos de outros pesquisadores, como o filósofo francês Paul Ricoeur. Este propôs que existiria uma mediação tripla entre signos, símbolos e o texto. Sua visão conciliava o ideal explicativo das ciências da natureza e a interpretação das ciências humanas. Sua ideia hermenêutica colocaria fim ao ideal cartesiano de transparência do sujeito para ele mesmo. Não haveria imparcialidade em uma análise de algo. Não existiria como apagar os vestígios do autor. Pois, sempre haverá marcas da intervenção do homem. Com relação aos textos, Ricoeur afirma que sua compreensão resultaria da relação com um leitor, que sobrevém através de um confronto: o conjunto de signos textuais e a interpretação particular daquele que observa. Esse paradigma da leitura surgiu como uma solução ao paradigma metodológico das ciências humanas, e tornar-se-ia uma resposta para a divisão entre explicar ou compreender, cuja relação constituiria o “círculo hermenêutico”. Os historiadores lidam com essa hermenêutica quando eles interpretam uma fonte histórica. Pois, para chegar ao “passado”, existe a necessidade de uma mediação pelos vestígios deixados pelo tempo. Portanto, conhecer o outro, em uma época passada, significaria se apoiar em uma leitura de outro indivíduo. Aí que a hermenêutica estaria constituída: relacionar-se com a alteridade em um mundo passado. Para mais detalhes ver: DOSSE, François. “Uma filosofia do agir: Paul Ricoeur” In: *O Império do sentido. A humanização das ciências humanas*. Bauru, SP: Edusc, (?).

<sup>8</sup> DURAN, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

diferenciada. Ora negando, como no Iluminismo, ora utilizando-as, como no catolicismo. As imagens jamais desapareceram do pensamento ocidental, mas elas ganharam, ao longo do tempo, um status inferior em relação a outros tipos de conhecimento. Essa depreciação imagética estava intimamente ligada à sua subjetividade. Pois, com o cientificismo do século XIX, passou-se a negá-las como forma de conhecimento. Entretanto, com o desenvolvimento da Psicologia, e da Psicanálise, elas foram de fundamental importância. Porque possuíam uma ligação muito mais próxima com o inconsciente. Percebê-las significaria estar mais próximo da psique humana.

Já o autor Cornelius Castoriade entendia a história humana enquanto uma história do imaginário humano e de suas obras surgidas diante da coletividade humana. Sendo, portanto, “um imaginário social instituinte que cria a instituição em geral (a *forma* instituição) e as instituições particulares da sociedade considerada, imaginação radical do ser humano singular.”<sup>9</sup> Assim, seria o imaginário humano fundante dos elementos que comporiam a própria sociedade. Tudo aquilo que permearia os homens dentro de um convívio social dando sentido a ele. Com isso, poder-se-ia pensar em uma ideia de imaginário como “um saber-fazer que organiza o mundo produzindo coesão ou o conflito.”<sup>10</sup> Tudo que é pensado pelo homem estava diretamente ligada as imagens. Aí é que reside a importância de interpretá-las em uma pesquisa histórica. Jacques Le Goff<sup>11</sup> contribui para uma especificação maior do conceito quando afirma:

O termo ‘imaginário’ sem dúvida remete-nos à imaginação, mas a história do imaginário não é uma história da imaginação no sentido tradicional, trata-se de uma história da criação e do uso das imagens que fazem uma sociedade agir e pensar, visto que resultam da mentalidade, da sensibilidade e da cultura que os impregnam e animam.<sup>12</sup>

Portanto, o imaginário estaria ligado, por exemplo, à forma como um local geográfico figurava em um mapa e, ao mesmo tempo, como sua sociedade achava natural sua feitura. Isso compreende todos os elementos que fazem parte de determinada representação. Pois, eles estão presentes porque encontram uma “validação” no próprio imaginário. Assim, para iniciar esta

---

<sup>9</sup>CASTORIADIS, Cornelius. “Imaginário e imaginação na encruzilhada.” In: *Do mundo da imaginação à imaginação do mundo*. Lisboa: Fim dos séculos, 1999.

<sup>10</sup> PESAVENTO, Sandra. *História & História Cultural*, 43.

<sup>11</sup>No entanto, o conceito de imaginário para Le Goff é diferente dos até aqui apresentados. o conceito de imaginário estaria mais limitado. Ele compreende imaginário com uma diferença de realidade: “O imaginário transborda o território da representação e é levado adiante pela fantasia, no sentido forte da palavra. O imaginário constrói e alimenta lendas e mitos.” Desta forma Le Goff define o conceito como “(...) sistema de quimeras de uma sociedade, de uma civilização que transforma a realidade em visões ardentes do intelecto.” Assim, o autor exemplifica que esse conceito estaria mais além de um conjunto de representações do mundo afirmando que ele estabeleceria em sociedades e que estaria próximo a uma ideia de fantasia contrastando com a realidade. LE GOFF, Jaques. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 12.

<sup>12</sup> LE GOFF, Jaques. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*, p. 13.

pesquisa busca-se apresentar na sequência como seriam as formas consagradas de representação cartográfica no período medieval.

### **A sociedade medieval e a religiosidade cristã**

Antes de adentrar especificamente no campo da Cartografia medieval, é necessário compreender que a disposição do mundo estava intimamente relacionada à concepção do homem medieval. Os mapas eram frutos de uma produção humana imersa num pensamento voltado à religiosidade cristã. Ou seja, a religião exercia importante influência na própria imagem do mundo. Estava presente nos variados aspectos da vida humana. O historiador Johan Huizinga forneceu alguns exemplos da grande influência do Cristianismo nos homens da época:

Desde a tenra idade a imagem da cruz implantava-se no sensível coração infantil tão grande e tão exclusiva que deixava na sombra todas as outras afeições. Quando Jean Gerson era ainda criança viu o pai encostar-se a uma parede, abrir os braços em cruz e dizer: ‘Foi assim, rapaz, que crucificaram o teu Deus. Aquele que te criou e te salvou’. Diz-nos ele que esta imagem do pai lhe ficou gravada no espírito, tornando-se maior à medida que ele crescia, até a velhice. Por esse facto ele abençoava o pai, que morreu no dia da Exaltação da Cruz. Santa Collete, aos quatro anos, já ouvia a mãe rezar diariamente uma lamentação sobre a Paixão, sentindo na sua carne os açoites e os tormentos. Esta recordação fixou-se no coração hipersensível de Colette com tal intensidade que durante toda a vida, à hora da crucificação, sentia o coração violentamente oprimido; e durante a leitura da Paixão sofria mais do que uma mulher com dores do parto.<sup>13</sup>

Neste trecho o autor expôs exemplos da imagem da cruz que foi consolidada fortemente após o misticismo de São Bernardo, no século XII. A Paixão de Cristo estava presente no imaginário das pessoas, e, portanto, daria lógica para as ações dos homens. As explicações específicas ou universais passavam por um cunho teológico. Neste sentido, a arte não escapava deste funcionamento da sociedade<sup>14</sup>. De acordo com Arnold Hausser, a arte românica partilhava muito da ideia eclesiástica resultando em um grande poder da Igreja:

A Igreja, que em todas as questões espirituais tinha plenos poderes de senhor feudal e que agia como seu advogado, reprimia toda e qualquer dúvida sobre a vontade divina ou imutabilidade da ordem existente. Colocou cada área da vida numa relação directa com a fé e fazia derivar do primado da doutrina religiosa o seu direito de impor as linhas mestras e fronteiras do esforço artístico. Só no contexto de uma ‘cultura autoritária obrigatória’ deste tipo é que se poderia ter desenvolvido uma linguagem formal tão homogênea e unívoca como a da arte do início da Idade Média.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Editora Ulisseia, 1985, p. 199.

<sup>14</sup> A arte medieval era voltada para o Criador e o temor a ele. Assim, arte medieval teria a função de “(...) oferecer a Deus as riquezas do mundo visível, (...) permitir apaziguar a cólera do Todo Poderoso e conciliar os seus favores. Toda a grande arte era então sacrifício.” DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 19.

<sup>15</sup> HAUSER, Arnould. *A Arte e a Sociedade*, p.147.

O trecho é importante por destacar a força da Igreja, que, segundo o autor, seria grande através do controle exercido sobre a sociedade. Porém, tributar exclusivamente essa função a Igreja seria retirar as particularidades e singularidades da Idade Média. Esta instituição teve, em diversos momentos, que enfrentar crises com os poderes temporais. O Imperador do Sacro Império Romano Germano era ora aliado e ora inimigo. Toda uma dinâmica estava por detrás das relações com o que o autor define genericamente como “poder feudal”.<sup>16</sup> Mas, mesmo que seu poder não fosse universal, ele foi uma prova da grande força dos eclesiásticos e da própria fé no período medieval. É dentro deste contexto que os mapas medievais devem ser interpretados.

### **Os mapas como reflexo das crenças da sociedade**

Os mapas reproduziram esquematicamente o pensamento do período, o que representou uma forma de cartografar que contrasta enormemente com a atual. Na obra *A Geografia na Idade Média*, editada pela primeira vez em 1938<sup>17</sup>, George H. T. Kimble lembrou as distâncias entre esses mapas e os atuais. Uma vez que na Idade Média eles não representavam a totalidade do conhecimento:

[Os mapas] refletiam ideias comuns da época, inclusive as teorias quase científicas dos gregos, as mitologias pagãs e os sistemas da cosmologia cristã. Pouquíssimos deles – quase nenhum antes do ano 1400 – refletiam a extensão real do conhecimento da época.”<sup>18</sup>

Neles, os sábios formularam padrões de representações do mundo conhecido que serviam como ilustrações para livros de teologia e filosofia. Os autores faziam uso de ornamentações que trariam ideias defendidas, personagens míticos, fábulas, crenças. Ou seja, “um mappamundi medieval, para ser devidamente apreciado, deveria, num grau considerável, ser visto como um romance ilustrado.”<sup>19</sup> O componente religioso estava quase sempre presente e muitos exemplares serviam para mostrar a extensão da fé cristã sobre a Terra, além de localizarem onde

---

<sup>16</sup>Jacques Le Goff dá uma ideia da maior complexidade presente no período da Igreja Católica e as outras instituições religiosas: “[...] el rechazo de un poder teocrático, a diferencia del Occidente bizantino. En Occidente, el poder religioso corresponde a la Iglesia y al Papa, el político al rey. El precepto evangélico regula la dualidad de poderes ‘Dad al César lo que es del César’. Europa va a escapar al monolitismo teocrático que paralizó a Bizancio y sobre todo al Islam después de haber favorecido su expansión.” LE GOFF, Jacques. *La vieja Europa y el mundo moderno*. Madrid: Alianza Editorial, 1995, p.17.

<sup>17</sup> Apesar de ter sido produzido há quase 80 anos, a obra de Kimble oferece uma importante interpretação da geografia medieval. De acordo com Márcia Siqueira de Carvalho da Universidade Federal de Londrina em sua apresentação da segunda edição da obra de George Kimble no Brasil: “A história da Geografia ainda recebe um tratamento secundário entre os próprios geógrafos e historiadores da ciência e são raros os livros que tratam deste assunto. Os que existem foram escritos há bastante tempo e, com edições esgotadas, tornaram-se livros de referência. Ver KIMBLE, G. H.T. *A Geografia na Idade Média*. . 2. ed.Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2005, p. xi até xiii.

<sup>18</sup>KIMBLE, G. H.T. *A Geografia na Idade Média*. . 2. ed.Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2005, p. 219.

<sup>19</sup> W. L. Bevan e H. W. Phillot *Apud* \_\_\_\_\_. *A Geografia na Idade Média*, p.222.

acreditavam estarem os temas que faziam parte de suas crenças. Dos fatos presentes na Bíblia, os mais lembrados eram o Paraíso Terreno, localizado nos confins da Ásia, além das histórias presentes no Velho Testamento, como da Arca de Noé, a punição da esposa de Lot, a destruição de Sodoma e Gomorra, a passagem pelo Egito e o Êxodo, e as terras de Gog e Magog. Nestes mapas, a posição de Jerusalém era central, pois, como afirmou Kimble, ela se baseava na descrição do livro de *Ezequiel*: “Eu a coloquei no meio das nações e dos países que estão em torno dela.”<sup>20</sup> Enfim, pensando na concepção geral dos mapas-múndi no Medievo resume o autor:

Durante séculos, os *mappaemundi* tornaram-se cada vez mais afastados da realidade, pois eram muito grandes as amarras da tradição, tanto clássica quanto eclesiástica, sobre a mentalidade medieval e antes de aceitarem fatos incompatíveis com as suas maneiras de pensar, os cartógrafos geralmente preferiam ignorá-los e no seu lugar usar símbolos esquemáticos e imaginativos.<sup>21</sup>

Nessa passagem, o autor afirma que os mapas-múndi estariam afastados de uma realidade “geográfica” nos moldes de hoje. Assim, representavam o mundo da forma como foi convencionalizada no período, através do uso de formas esquemáticas e simbólicas, a “realidade” para a concepção da época. As distorções presentes mostravam o peso de locais importantes para a história da humanidade, uma dimensão simbólica. Isso não pode ser qualificado enquanto um “erro” cartográfico, uma vez que, a própria função do mapa é diversa da atual. No caso da Palestina, além de ser o centro do mundo, seu tamanho exagerado em relação ao restante das terras também se devia as inúmeras informações e fatos bíblicos localizados nela. Ou seja, tinha importância crucial no sistema imagético do mundo cristão ganhando destaque diante das outras terras. Desta forma, o simbolismo nas representações prevalecia em relação ao “real geográfico” com base nos moldes da cartografia contemporânea.

Feita esta consideração, é importante ressaltar a visão padronizada do mundo no período. Ela não se limitava apenas a este aspecto, mas em diversos âmbitos, como exemplificado por Le Goff: “O pensamento do Ocidente medieval realizava-se através de um sistema simbólico, a começar pelas constantes correspondências entre o Novo Testamento e o Antigo Testamento, pois o primeiro é a tradução simbólica do segundo.”<sup>22</sup> O símbolo era utilizado enquanto esquema para a representação das crenças. Assim, havia a constante utilização de padrões para a compreensão do mundo e para a explicação do surgimento da Terra e do universo.

### **A Terra e o universo segundo o homem medieval**

<sup>20</sup> KIMBLE. *A Geografia na Idade Média*, p. 227.

<sup>21</sup> \_\_\_\_\_. *A Geografia na Idade Média*, p. 229.

<sup>22</sup> LE GOFF, Jacques. *La vieja Europa y el mundo moderno*, p. 12.

A ideia da Terra e do universo que estes homens se imaginavam inseridos realizava-se através de uma série de conhecimentos da Antiguidade Clássica aliados ao pensamento cristão. O autor W. G. L. Randles apresentou as justificativas da forma universal da Terra, vigentes entre os séculos XII ao XV, surgidas a partir de duas sínteses baseadas na cultura antiga e na Bíblia. Elas buscavam “(...) conciliar o mito bíblico da Terra plana com a ideia grega de uma Terra redonda: plana ao nível da ecúmena habitável, esfericamente unicamente ao nível da astronomia.”<sup>23</sup> Esta concepção provinha dos modelos propostos por Crates de Malo (c. 160 a. C.) e Aristóteles (384-322 a. C.).<sup>24</sup> A partir da ideia de Crates de Malo, autores como Marciano Capela (século V) e Macróbio (século V) e, posteriormente, Guilherme de Conches falavam sobre uma esfera preenchida na sua maior parte por água onde haveria quatro ilhas separadas por corredores de água. Uma dessas ilhas estaria povoada pelos cristãos e as outras não seriam habitadas devido à incomunicabilidade de ambas<sup>25</sup>. Assim, o único *habitat* dos humanos era plano se considerada a imensidão esférica do globo.

Por outro lado, o modelo aristotélico, que não se liga diretamente ao Aristóteles clássico, foi defendido por João de Sacrobosco em sua obra *Tratado da Esfera* (princípios do século XIII). O mundo estaria dividido em duas partes: do éter e dos elementos. Esta última estaria composta por quatro partes: no centro a terra; na sequência a água; depois o ar; e por fim o fogo puro. Cada um desses elementos estaria em uma proporção de 1 para 10. Para garantir a sobrevivência da espécie humana, com base no Gênesis ou no Salmo 103<sup>26</sup>, Deus teria feito no terceiro dia a concentração das águas:

E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas. Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E assim se fez. E chamou Deus ao firmamento Céus. Houve tarde e manhã no segundo dia. Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez. À porção seca chamou Deus Terra e ao ajuntamento das Águas, Mares. E viu Deus que isso era bom.<sup>27</sup>

Assim, segundo a exegese bíblica, devido ao poder de Deus, uma pequena parte de terra ficou submersa diante da grande imensidão das águas. Com isso, a Terra habitável estaria plana

<sup>23</sup>RANDLESS, W.G.L. *Da Terra Plana ao Globo Terrestre: uma rápida mutação epistemológica*. Lisboa: Gradiva, 1990, p. 11.

<sup>24</sup>\_\_\_\_\_. *Da Terra Plana ao Globo Terrestre: uma rápida mutação epistemológica*, p. 13.

<sup>25</sup>Essa questão da povoação por humanos de outras terras, os chamados antípodas era muito complexo no período. Afirmar que existiriam esses locais seria retirar a autoridade da Igreja Cristã. Pois a palavra de Cristo teria sido pregada a toda a humanidade. Sobre essa questão ver \_\_\_\_\_. *Da Terra Plana ao Globo Terrestre: uma rápida mutação epistemológica*, p. 16-19.

<sup>26</sup>Randles não menciona em sua obra um trecho específico dessa relação no Salmo 103, mas devido as traduções pode acontecer de ser uma numeração diferente. Segue-se o trecho correspondente a versão de João Ferreira de Almeida, no Salmo 104, a partir do versículo 9: “Puseste às águas divisa que não ultrapassarão, para que não tornem a cobrir a terra.” ver: *A Bíblia Sagrada*. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, p.420.

<sup>27</sup> *A Bíblia Sagrada*, p. 4.

na pequena parte descoberta, e, esférica se considerada seu todo, com uma maior parte de água.<sup>28</sup> Era, portanto, a junção de dois modelos explicativos: o aristotélico e o bíblico (Bíblico-aristotélico). A estrutura do cosmos provindo da explicação Clássica, ligada ao milagre da presença de Deus, possibilitando a vida na ecúmene cristã. A partir dessa configuração terrena e universal, é que a cartografia medieval pode ser interpretada.

### **Os mapas medievais T-O**

Um dos modelos de mapas mais divulgados no Medievo baseava-se nas ideias de Santo Isidoro de Sevilha (c.560-636)<sup>29</sup> acerca da configuração do planeta e dos seus habitantes. O orbe terrestre estaria disposto em uma forma que lembraria as letras “T” e “O”, sendo, portanto, conhecidos como mapas T-O<sup>30</sup> (figura 2). Nessa configuração, o “T” seria formado pelos corredores de águas internas: à esquerda o rio Don, à direita o rio Nilo e na vertical o mar Mediterrâneo; circundadas pelo grande “O” representando o grande Mar Oceano. O papel das águas enquanto divisora do mundo era crucial. Separavam as três grandes partes de terra da época: África, Ásia e Europa. Assim, neste esquema, a função dos rios Nilo e Don é fundamental enquanto uma espécie de “esqueleto” sustentando o orbe terrestre. A forma esquemática encontra-se no modelo todo. Pois os rios estão retilíneos e, juntamente as porções de terras, são semelhantes e simétricos. A disposição continental encontra-se da seguinte maneira: ao norte a Ásia, à esquerda a Europa e à direita a África. Os vestígios desta divisão continental remontam fins da Antiguidade.

---

<sup>28</sup>RANDLES, W. G. L. *Da Terra Plana ao Globo Terrestre: uma rápida mutação epistemológica*, p. 14.

<sup>29</sup>Conferir ALEGRIA, ALEGRIA, Maria Fernanda, et alli. “Cartografia e Viagens”. In: BETHENCOURT, F. & CLAUDHURI, K(dir.). *História da Expansão Portuguesa*. Vol I. Lisboa: Circulo de Leitores, 1998, p. 29.

<sup>30</sup>Magali Gomes Nogueira refere-se a esses mapas como “OT” porque seriam a sigla de Orbis Terrarum. No entanto, a maior parte dos materiais consultados refere-se à forma como foi exposta no texto. Para mais detalhes ver: NOGUEIRA, Magali Gomes. “Portulanos, Presente de Reis” in: *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico volume XX. Cartografia Histórica*. Tomo II. Belo Horizonte: UFMG, Museu de História Natural, 2011, p. 187-202.

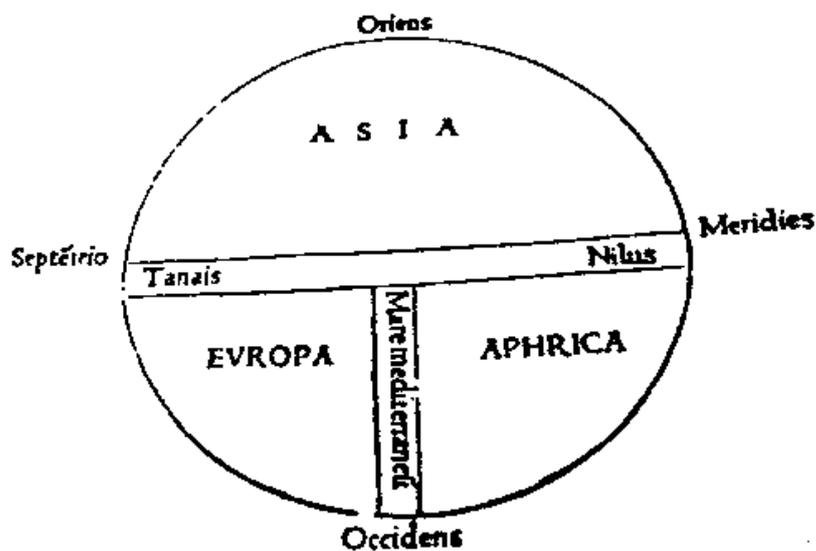


Imagem 1: Mapa-múndi "T-O" segundo Zacarias Lífo, *Orbis Breviarum*, Florença, 1493. (RANGLES, W.G.L 1990, p. 20)

A autora Gioia Conta realizou estudo sobre a carta mais antiga e completa sobre a cartografia romana, a *Tabula Peutingeriana*. Nela, teria sido exposto todo o conhecimento sobre o *Orbis terrarum*, o mundo conhecido à época, com a divisão continental seguindo as mesmas referências geográficas (rios Nilo e Don e o Mar Mediterrâneo) reproduzidas posteriormente<sup>31</sup>. As águas destinavam-se a circundarem o orbe e dividi-lo semelhante ao esquema medieval exposto, mas sem o rigor esquemático. Rios menores também tinham importante função e ganhavam esquemas de representação. Sobre esta função, aponta Gioia Conta:

Junto a los cursos fluviales más relevantes, con frecuencia son indicados cursos menores. Ello se explica teniendo presente el significado de los ríos, creando siempre delicados problemas de tránsito y viabilidad. Los puntos de tránsito, que un mapa de carreteras debía poner en evidencia sobre todo donde mayores eran las dificultades, pues imponían un momento de detención antes de enfrentar el obstáculo del río. Ello favorece, en estos particulares lugares, el surgimiento de “hosterías” preparadas, donde hombres y animales podían encontrar descanso, ayuda y medios necesarios. Asimismo recordemos que el origen de los ríos es ubicado en una colina o cadena montañosa, sin

<sup>31</sup>Vale ressaltar que apenas os pontos geográficos para a divisão dos continentes é semelhante. Nesta carta romana e até no conhecimento dos Antigos sobre a configuração do orbe, caso do mapa de Heródoto, o formato não lembra o modelo esquemático dos exemplares medievais T-O.

existir alguna relación con la realidad física del curso fluvial. Ellos son pintados con un único color.<sup>32</sup>

Assim, havia a estratégia de recorrer a cadeias de montanhas fictícias para estabelecer a nascente de algum rio. A não figuração de toda a extensão “real” de determinado rio, mas, pelo contrário, com suas origens surgindo em montanhas, sem corresponder necessariamente à realidade, foi uma estratégia de cartografar de fins do Império Romano e, como se verá adiante, no Medieval e até no continente americano.

De volta ao período medieval, os mapas “T-O” eram interpretados dentro da simbologia cristã. Os três continentes teriam sido herdados, após o dilúvio universal, pelos filhos de Noé com o “T” representando a cruz do Cristo crucificado, além de estarem associados com os quatro pontos cardeais. Acima do entroncamento dos três cursos de água, na parte central, destaca-se a cidade de Jerusalém: centro do mundo e do universo. Dentro deste modelo bíblico de entendimento da Terra, importava muito mais uma analogia com as Sagradas Escrituras, do que uma equivalência geográfica.<sup>33</sup>

### O Mapa dos Salmos

O mapa dos Salmos (figura 3), encontrado no *Livro dos Salmos*, é um exemplo desta forma de cartografar. Produzido no século XIII (c.1250), de autoria desconhecida, desfrutou de um revigoramento da representação cristã. A forma visual do Cristo no alto do mapa representa bem isso. Não mais o sofredor do Românico, mas sim sereno e com o mundo em suas mãos<sup>34</sup>. O modelo T-O tem algumas modificações: a parte superior do “T”, ao invés dos rios Don e o Nilo (como bem exemplifica a Figura 2), os “braços” do Mar Mediterrâneo ocupam a função; o corredor de água interno (Mar Mediterrâneo) encontra o “O” o Mar Oceano apenas ao sul. O exemplar foi, portanto, uma leitura mais livre da forma estabelecida com inúmeros referenciais de figurações importantes para a Cristandade do período, como mencionado anteriormente.

---

<sup>32</sup>CONTA, Gioia. “La Cartografía Romana” in: *Semanas de Estudios Romanos – Vol. XII*. Valparaíso, Chile: Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, 2004, p. 43.

<sup>33</sup>Para mais detalhes sobre os mapas em estilo T-O conferir: THROWER, Norman J.W. *Maps & Civilization: cartography in culture and society*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996, p.42; RANGLES, W. G. L. *Da Terra Plana ao Globo Terrestre: Uma rápida mutação epistemológica 1480-1520*. Lisboa: Gradiva, 1980, p. 15 e 16; MARQUES, Alfredo Pinheiro. *A Cartografia dos Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: ELO, s/d; CRONE, G. R. *Historia de los mapas*. México – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1956; KIMBLE, G. H.T. *A Geografia na Idade Média*. . 2. ed. Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2005.

<sup>34</sup> A aproximação do Mapa do Salmo com a ideologia surgida com o gótico é sintomática. Pois, como mostra George Duby em sua obra *O Tempo das Catedrais*, o pensamento do Abade Suger (século XII) para a concepção do estilo foi influenciado pelos textos do Pseudo-Denis que remetiam a hierarquia celeste. O trecho que se segue deveria ser pensado aliando-se ao mapa exposto: “Deus é luz. Dessa luz inicial, incriada e criadora, participa cada criatura. Cada criatura recebe e transmite a iluminação divina segundo sua capacidade, isto é, segundo o lugar que ocupa na escala dos seres, segundo o nível em que o pensamento de Deus hierarquicamente a situou. Proveniente duma irradiação, o universo é um fluxo luminoso que desce em cascatas, e a luz que emana do Ser primeiro instala no seu lugar imutável cada um dos seres criados.” DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais*, p. 105-106.



**Imagem 2:** Mapa do Salmo (século XIII). (KIMBLE, G. H.T. *A Geografia na Idade Média*. 2. ed. Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2005, p. 219).

O Paraíso Terrestre localiza-se no extremo norte da Ásia<sup>35</sup>, em seu interior há duas figuras humanas se entreolhando, possivelmente Adão e Eva, e no meio estaria uma árvore com o fruto proibido<sup>36</sup>. Logo ao sul do Paraíso, correm os quatro principais rios da Terra: o Ganges, o Finson, o Tigre e o Eufrates. No entanto, foi detectado um quinto rio. A representação destes elementos hídricos no mapa é uma interpretação visual direta das palavras do Livro Sagrado:

<sup>35</sup> A inexistência de uma referência escrita na obra não impossibilita que essa região seja identificada com o Paraíso Terreno. Pois, como os autores do período pensavam o mundo, o paraíso era a fonte dos quatro principais rios do mundo. E suas nascentes encontram-se centralizadas nessa região.

<sup>36</sup> Apesar da grande resolução do mapa dos Salmos disponibilizada pela Biblioteca da Austrália, a imagem não permite ter uma ideia conclusiva sobre o que estaria representado dentro do Paraíso Terreno.

E saía um rio do jardim do Éden para regar o jardim e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços. O primeiro chama-se Pison; é o que rodeia a terra de Havilá, onde há ouro. O ouro dessa terra é bom; também se encontra lá o bdélio e a pedra ônix. O segundo rio chama-se Gion; é o que circunda a terra de Cuxe. O nome do terceiro rio é Tigre; é o que corre pelo oriente da Assíria. E o quarto é o Eufrates.<sup>37</sup>

Como a passagem demonstra, os rios derivavam diretamente do Paraíso e correriam para lados divergentes. Junto a eles haveria riquezas, como o cobiçado ouro. A localização na Ásia estaria ligada também a um imaginário fabuloso do continente. Nesta associação, os escritos de Marco Polo, no século XIII, viriam a acrescentar a cobiça por esses tesouros.<sup>38</sup> Há ainda a presença de monstros na região<sup>39</sup> da África (Bestiários)<sup>40</sup>.

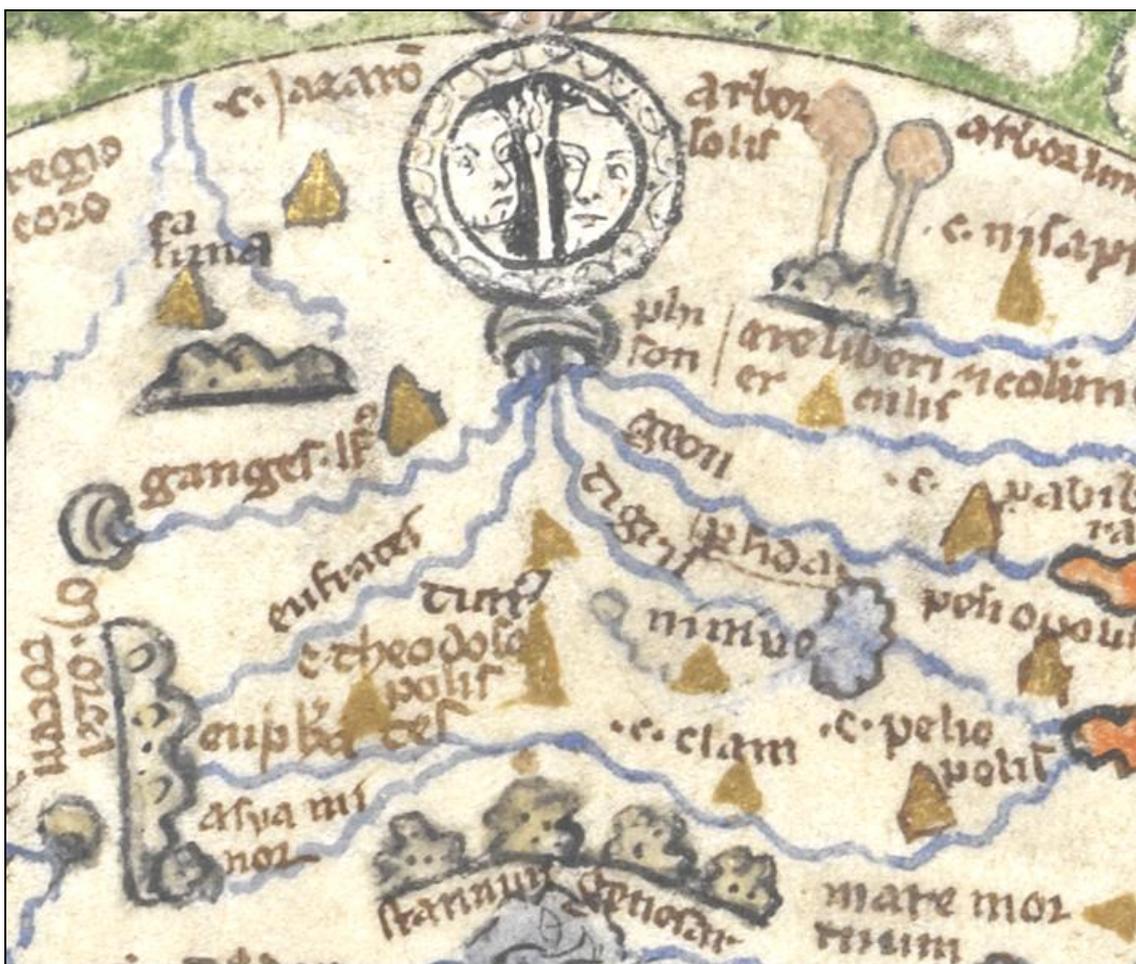
---

<sup>37</sup>Gêneses2: 10-14 *A Bíblia Sagrada*, p. 4.

<sup>38</sup>Em uma das descrições que o navegador veneziano faz das riquezas do continente e que se tornou uma grande fonte para os homens renascentistas, notadamente Colombo, foi à descrição que realizou da ilha de Cipango, que seria o Japão, localizado no Extremo Oriente: “[A ilha] tem ouro em abundância, mas o rei não deixa levar, e por essa razão há lá poucos mercadores e por vezes ali vão as naus. Nenhum negociante ou estrangeiro chegou ao interior da ilha. Falarei a respeito dum palácio maravilhoso que um grande senhor da ilha possui. É um palácio grande, todo coberto de ouro fino, tal como são cobertas de chumbo as nossas igrejas. É dum valor incalculável.” POLO, Marco. *O Livro das Maravilhas: a descrição do mundo*. Porto Alegre: L&PM, 1985, p. 188.

<sup>39</sup>Eles remetem diretamente a uma discussão que o autor Guillermo Guicci realizou em sua obra intitulada *Viajantes do Maravilhoso*. Segundo ele, a presença de monstros está ligado a própria concepção que se desenvolverá posteriormente entre barbárie e civilização. Assim, os monstros guardariam o oposto das qualidades dos civilizados, e seriam caracterizados por viverem à margem dos locais centrais da época (Europa). Para mais detalhes ver: GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do Maravilhoso: Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.26.

<sup>40</sup>Bestiário estaria ligado as formas maravilhosas de monstros que povoavam o imaginário do homem medieval. Para mais detalhes ver: CARVALHO, Márcia Siqueira de. *O pensamento geográfico medieval e renascentista no Ciberespaço* em: <<http://www.geocities.ws/pensamentobr/medievalciber.pdf>>. Acesso em: 07 setembro 2013.



**Imagem 3:** Detalhe do Paraíso Terreno e dos quatro rios saindo dele mais um quinto no canto superior direito, no Mapa dos Salmos. (KIMBLE, G. H.T. *A Geografia na Idade Média*. . 2. ed. Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2005)

Desta forma, o mapa dos Salmos parece ser uma leitura particular do conteúdo bíblico que dava sentido a sociedade cristã ocidental. A forma majestosa como o Cristo salvador se apresenta diante do plano da geografia terrena, no meio dos dois anjos, segurando o orbe é indício desta relação. Poder-se-ia pensar também na contraposição entre estas três figuras celestes em contraposição ao bestiário dos monstros no canto inferior direito. Ou seja, no lado inferior estão as criaturas que se encontram à margem da sociedade ocidental. Aquelas que apresentam aspectos fundamentalmente diversos do homem cristão. Um dos casos é dos antípodas<sup>41</sup>.

### O mapa de Hereford

<sup>41</sup> Crença de que haveria seres habitando o outro lado do mundo. Portanto, sua monstruosidade seria na sua forma de viver, ao contrário dos homens.

Outro exemplo de um mapa estilo T.O, um pouco mais complexo<sup>42</sup> que outros exemplares, é mapa de Hereford (c.1300) (figura 5). O autor G. R. Crone aponta o exemplar como o maior mapa circular do mundo que sobreviveu e atualmente encontra-se na catedral de Hereford. Seria uma mescla das influências medievais:

El esquema general se parece al de los mapas T dentro de O, aunque algo deformado porque se trata de destacar la Palestina, Asia Menor, etc. Roma, Antioquia y París están claramente dibujadas, lo que da pábulo a la sugestión reciente de que uno de los “eslabones” es obra de un escribano francés. Otras ciudades y pueblos se representan con dibujos convencionales de torres y puertas; hay gran cantidad de montañas y rios, las primeiras com un perfil convencional. Casi todo el espacio, que de otro modo quedaría vacío, está lleno de dibujos primorosamente ejecutados que describen asuntos tomados de las narraciones y bestiarios populares en la época. A decir verdad, el mapa es como una enciclopedia de la ciencia medieval y abunda en interesantísimos materiales de estudio.<sup>43</sup>

Neste trecho Crone aponta que, ao invés de deixar os espaços desconhecidos incompletos<sup>44</sup>, eles eram preenchidos com elementos presentes no imaginário medieval, filiados em sua maior parte em temas voltados a religiosidade.

Assim, o mapa de Hereford insere um grande número de lendas do período em seu desenho esquemático do mundo. No entanto, ele não se filia completamente nos modelos T-O clássicos. A configuração dos “T” e “O” encontra-se diferente do usual, uma vez que apenas o mar Mediterrâneo e sua ligação com o Mar Negro são utilizados como divisão dos continentes.

De maneira mais acentuada que o mapa dos Salmos, o mapa de Hereford apresenta vários pequenos desenhos de caráter religioso ao longo de seu mapa. No centro do mapa, aparece um grande círculo que corresponde ao local onde fica a cidade de Jerusalém. Neste exemplar, como em outros com semelhante formato, o papel preponderante desta cidade é essencial. Como transposição das Sagradas Escrituras, a cidade onde o Cristo espalhou suas palavras finais seria o ponto central da ação de Deus. De lá propagaria, aos quatro cantos do orbe, o exemplo do redentor dos pecados humanos. Esta é uma das interpretações possíveis do mapa de Hereford dentro da religiosidade constituinte do pensamento medieval e, conseqüentemente, dos ilustradores.

Este ponto se aproxima da leitura que a historiadora Maria Eurydice fez dos mapas medievais, em especial nos mapas dos séculos XII e XIII. Segundo ela, os mapas funcionam

---

<sup>42</sup> Segundo Maria Fernanda Alegria e outros, baseado na tipologia de D. Woodward, esse mapa e outros entraria em nos *mapas tripartidos não esquemáticos*. Os três continentes esquemáticos são mantidos, mas o desenho ganhou menor rigidez. Alguns se filiam a Paulo Orosius e outros de Santo Isidoro de Sevilha. Ver: ALEGRIA, Maria Fernanda et ali, “Cartografia e Viagens”. In: BETHENCOURT, F. & CLAUDHURI, K(dir.). *História da Expansão Portuguesa...*, p. 29.

<sup>43</sup> CRONE, G. R. *Historia de los Mapas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1956, p. 26 e 27.

<sup>44</sup> Como seria de se esperar da Cartografia contemporânea, baseada nas concepções do cientificismo do século XIX.

como narrativas sobre o mundo. Tanto em referência aos acontecimentos passados, quanto aos previstos nas profecias bíblicas. O mapa, desta forma, tem um sentido de mostrar ao observador seu passado e o que está por vir. Apresenta o futuro através das imagens nos seus arredores. Conta com a presença do seu Criador. Desta forma, os mapas medievais estavam junto a texto, mas, isto não significa que eles eram uma visualização do que foi lido. Mas, que representavam também um texto. Uma narrativa imagética.<sup>45</sup>

### **Os mapas zonais**

Além desses dois esquemas, ainda existia outro também muito divulgado na Idade Média, a teoria das zonas. As partes da esfera seriam delimitadas de maneira diferente dos anteriores. Atribuído a Parmênides (século V a. C.), o modelo propunha a divisão da esfera horizontalmente em cinco zonas: uma ao redor de cada polo (inabitáveis); uma ao redor do Equador, a zona tórrida (inabitável); e as duas zonas temperadas (habitáveis). No período medieval, esse modelo junto aos outros foi partilhado graças ao mencionado tratado de João de Sacrobosco. Também em vigência, foram os chamados mapas zonais de Macróbio<sup>46</sup>. A Terra encontrar-se-ia dividida em zonas marcadas pelo clima. Sendo comumente aceito que só a parte superior, abaixo do polo Ártico, seria habitada. Pois, a zona tórrida, na região equatorial, impossibilitaria o estabelecimento humano devido à intensidade dos raios solares e ao calor insuportável. Além de impedir a habitabilidade de quaisquer terras mais ao sul, mesmo que propícias à vida, pois, a zona tórrida impossibilitaria o acesso às regiões ao sul.<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. “O sentido da história: tempo e espaço na cartografia medieval (século XII-XIII)”. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, nº14, pp. 11-26, 2002, p. 12 e 13

<sup>46</sup> A concepção de Macróbio parte de um mapa criado por ele para expor suas ideias em um comentário a um trabalho de Cícero (51 a. C.) feito provavelmente no ano de 430 d.C.. Nesse mapa ele retoma Crates de Mallos (c.168 a.C.) com o orbe circundado pelo mar Oceano e ao meio um rio principal, *Alveus Oceani*. Ver: ALEGRIA, Maria Fernanda et alli “Cartografia e Viagens”. In: BETHENCOURT, F. & CLAUDHURI, K(dir.). *História da Expansão Portuguesa...*, p. 30.

<sup>47</sup> Ver: RANGLES, *Da terra plana ao globo terrestre: uma rápida mutação epistemológica*, 1980.



**Imagem 4:** Mapa de Hereford (c.1280). (KIMBLE, G. H.T. *A Geografia na Idade Média*. . 2. ed.Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2005, p. 219.)<sup>1</sup>

O mapa da figura 4 apresenta uma confecção do mapa imaginado através da exposição das ideias de Macróbio. É possível perceber a presença das cinco zonas: *Frigida* no extremo norte e sul; logo depois o que seria a zona temperada que envolvia o mundo conhecido, porém não nomeada; na outra região temperada, ao sul, a *Teperata Antipodum nobis incignita*; e, ao centro, no que seria a região equatorial, o *Aluens Oceani*. Essa concepção das zonas, filiada a Macróbio, remete as teorias de simetria dos gregos. Segundo eles, a geografia terrena seria sempre simétrica: “El pensamiento griego se regía por un principio general que afectaba la delineación de los

mapas, a saber: la simetría de la naturaleza.”<sup>48</sup> Assim, a existência de uma porção de terras ao norte do globo (que alguns já calculavam) indicaria a presença de uma porção ao sul. Esta parte da Terra seria para os homens medievais, o continente antípoda.<sup>49</sup>



**Imagem 5:** Concepção do mundo no Medievo através das cinco zonas e com o continente antípoda ao sul de acordo com o modelo de Macróbio (c.1485). *Frontispício* (KIMBLE, G. H.T. *A Geografia na Idade Média*. . 2. ed.Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2005)

A constituição do mapa de Macróbio e suas conseqüentes reproduções imagéticas destoam claramente do esquema dos mapas esquemáticos, referidos anteriormente. A influência grega está claramente presente (ideia da simetria da natureza) e as referências bíblicas não ganham destaque. Outro padrão, portanto, que indicava influência Clássica diferente da bíblico-aristotélica.

<sup>48</sup> CRONE, G. R *Historia de los mapas*., p. 15.

<sup>49</sup>Sobre as concepções dos gregos sobre a Terra e seus mapas ver “La Herencia Clásica y de la Alta Edad Media” in: \_\_\_\_\_, *Historia de los mapas*, p. 13-29.

## Conclusão

Essas formas de representação exemplificam como a cartografia medieval era fortemente marcada por modelos esquematizados de representação da Terra<sup>50</sup>. Havia uma preponderância esquemático-simbólica do orbe terrestre ao contrário de uma correspondência espacial “fidedigna”, a exemplo da cartografia contemporânea. Figuravam em mapas os personagens bíblicos (Cristo crucificado, os reis magos, o Paraíso Terreno e outros), passagens históricas (triunfo de Alexandre, o Grande...), lendas da Antiguidade (as amazonas, colunas de Hércules...).

Também deve-se diferenciar os mapas simbólicos. Enquanto o mapa dos Salmos e o mapa de Hereford são uma interpretação clara da Bíblia através da imagem do mundo, já no caso dos mapas baseados em Macróbio a situação é diversa. O objetivo é apresentar um panorama do mundo conhecido aliado às cogitações da forma total da terra. Outros continentes são imaginados e pensados. Portanto, dentro do período medieval não se pode considerar os mapas simbólicos esquemáticos apenas como filiados a uma matriz.

Enfim, também pode-se afirmar que estes mapas representaram uma forma de cartografia que contrasta drasticamente com a atual. Segundo Kimble, “(...) [os autores] poderiam rotular qualquer homem como tolo, caso ele pensasse que poderia determinar a distância de Londres até Jerusalém ao se colocar uma régua no mapa.”<sup>51</sup> A própria ideia de mapa estava ligada a uma interpretação espacial diferente, não sendo regida pelos princípios contemporâneos da Cartografia.

---

<sup>50</sup>Essas não eram as únicas formas de cartografar da época. Ainda descendente dessa cartografia terrestre de pensar e conceber o mundo pode-se acrescentar o chamado *mapa-mundo quadripartido do Beato de Libana (730-798)*. Seu exemplar encontra-se na obra *Comentaria in Apocalipsin*, de 776. Com base em Macróbio, ele figura além dos três continentes, um quarto que estaria desabitado pelo excessivo calor. Ver: ALEGRIA, Maria Fernanda et alli, “Cartografia e Viagens”, p. 30.

<sup>51</sup>KIMBLE, *A Geografia na Idade Média*, p.222.